

A APRENDIZAGEM EMPREENDEDORA NA INCUBADORA DE BASE TECNOLÓGICA DO CRITT/UFJF

THE ENTREPRENEURING LEARNING IN THE CRITT / UFJF TECHNOLOGICAL BASE INCUBATOR

Danilo Amaral da Fonseca¹, Rafael Vítor Gonçalves de Aquino², Cristiana Salles Coelho Dutra Borges Arbex³, Danilo de Oliveira Sampaio⁴

¹Mestre em Administração pela Universidade Federal de Juiz de Fora; ²Mestre em Administração pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora; ³Especialista em Estética pela Universidade Gama Filho. Professora do Centro Universitário Estácio e da Universidade Salgado de Oliveira; ⁴Pós-Doutorado pela Universidade do Porto. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora.

RESUMO

O objetivo principal da pesquisa é identificar se os alunos de graduação que exercem atividade remunerada como bolsistas em uma incubadora de base tecnológica localizada em uma universidade federal brasileira adquiriram conhecimento empreendedor em atividades desenvolvidas na incubadora. Para este trabalho foi realizada uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa. O procedimento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada e para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo. Verificou-se no estudo que a prática de trabalhar numa incubadora possibilita um maior conhecimento de empreendedorismo, além de que a maior diferença entre o aprendizado na sala de aula e o que aprendem os bolsistas na incubadora, é a questão prática, e que a sala de aula e a vivência na incubadora são complementares na formação do aluno de graduação. No decorrer da pesquisa foi também observado que há uma necessidade de melhoria na conscientização e entendimento dos alunos sobre a criação e funcionamento da incubadora e bem como na divulgação de vagas para os bolsistas. Para tanto, sugere-se maior disseminação das atividades da incubadora nos cursos de graduação da universidade estudada, para que então os alunos compreendam melhor a importância da incubadora no processo de geração de conhecimento. Sugere-se, como possibilidades de estudos futuros, a realização de investigações longitudinais, ou seja, o acompanhamento ao longo do tempo da evolução da atitude empreendedora dos bolsistas.

Palavras-Chaves: universidade, incubadora, empreendedorismo, inovação tecnológica, Brasil.

ABSTRACT

The main objective of this research is to identify if the undergraduate students that perform paid work as scholars in a technology based incubator located in a Brazilian federal university have acquired entrepreneurial knowledge in activities developed in the incubator. For this work an exploratory research of qualitative nature was used. The method chosen was the semi-structured interview and in the data analysis the content analysis was used. It was verified in the study that the practice of working in an incubator makes possible a greater knowledge of entrepreneurship. In the course of the research it was also observed that there is a need for improvement in the students' awareness and understanding of the incubator's creation and operation, as well as in the dissemination of vacancies for the scholarship holders. In order to do so, it is suggested that the activities of the incubator be more widely disseminated in the undergraduate courses of the studied university, so that the students will better understand the importance of the incubator in the process of knowledge generation. It was verified in the research that the biggest difference between classroom learning and what the students learn in the incubator is the practical question, and that the classroom and the experience in the incubator are complementary in the formation of the undergraduate student.

Keywords: university, incubator, entrepreneurship, technological innovation, Brazil.

Introdução

Para Filion (1999) e Dolabela (1999), a incubação de empresas é uma área de estudos recorrente na pesquisa em administração, além disso, enquanto campo de estudos busca compreender o empreendedorismo como fenômeno social, o qual tem se expandido consideravelmente além de ter despertado o interesse de diversas áreas das ciências humanas e gerenciais.

Ferreira, Pinto e Miranda (2015) realizaram um estudo sobre pesquisas no tema de empreendedorismo nos principais periódicos internacionais, no qual mostram um crescimento na pesquisa ao longo dos anos, principalmente na academia Norte Americana. Afirmam que o autor mais citado sobre o tema foi Schumpeter, e que as pesquisas realizadas em torno do tema são, de uma forma geral, bastante ecléticas, tratando de diferentes teorias e fenômenos estudados.

As incubadoras de negócio podem ser exploradas mais intensamente no sentido de se buscar novas metodologias e estimular o empreendedorismo. Segundo Lavieri (2010), as incubadoras são ambientes ricos em aprendizagem, nos quais ocorrem experiências enriquecedoras à educação empreendedora. Porém, são poucos os pesquisadores e professores que utilizam as incubadoras como recurso didático para estimular o empreendedorismo entre seus alunos.

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar se os alunos de graduação que exercem atividade remunerada como bolsistas em uma incubadora de base tecnológica localizada em uma universidade federal brasileira adquiriram conhecimento empreendedor em atividades desenvolvidas na incubadora.

Como relevância do trabalho para os estudos teóricos na área de empreendedorismo e educação empreendedora, destaca-se a verificação *in loco* das categorias de análise trazidas pelos autores elencados neste estudo, abrindo-se uma possibilidade de estudos futuros que aprofundem tal verificação. Sob o aspecto gerencial, o trabalho vem contribuir com um maior entendimento do processo de aprendizagem empreendedora em uma incubadora universitária, subsidiando as iniciativas dos gestores dos cursos de graduação e da própria incubadora.

Para tanto o trabalho está estruturado além da introdução com uma revisão da literatura que aborda empreendedorismo, incubadoras e a universidade estudada. A seguir, relata-se a metodologia utilizada e apresentam-se os resultados alcançados. Por fim, estabelecem-se as considerações finais do trabalho, sendo seguidas pelas referências bibliográficas utilizadas.

Fundamentação Teórica

Empreendedorismo e aprendizagem empreendedora

O termo empreendedorismo tem origem na palavra empreendedor *entrepreneur*, que surgiu na França há cerca de trezentos anos, e que tem o significado de: pessoa fora do comum, que faz a diferença, visionária, com boa capacidade decisória e que gera valor para a sociedade (HISRISH, 1986).

Dornellas (2015) apresenta algumas características de empreendedores de sucesso, no qual pode-se observar algumas que corroboram com Hisrish (1986) e outras que o complementam. Dentre essas características destaca-se pessoas visionárias, que sabem tomar decisões, indivíduos que fazem a diferença, exploram as oportunidades, apaixonados pelo que fazem, líderes e formadores de equipes, dentre outras características.

Podem-se identificar, conforme Fillion (1999), duas escolas teóricas que procuram caracterizar o empreendedorismo e a atividade do empreendedor:

- a) Escola economista: foco no indivíduo empreendedor e nas suas motivações e atitudes econômicas: baixo grau de aversão ao risco, foco em inovação, pouco receio às mudanças, sempre com foco em aproveitar as oportunidades de mercado. Principais autores: Cantillon (1755), Say (1803) e Schumpeter (1964).
- b) Escola comportamentalista (ou behaviorista): dá maior ênfase à análise e descrição do comportamento dos empreendedores, em dimensões múltiplas, e sua influência na criação de novos negócios. Principais autores: McClelland (1986); Reynolds (1991); Verstraete (1999)

Dentro do escopo do presente trabalho, com destaque à aprendizagem empreendedora, são aproveitadas as contribuições das duas escolas teóricas, com maior ênfase na escola comportamentalista. Tal vertente de pensamento analisa o comportamento empreendedor de acordo com três perspectivas: (1) Teoria dos Traços de Personalidade; (2) Abordagens Psicodinâmicas e (3) Abordagens Sócio-Psicológicas (FILLION, 1999)

O conceito de empreendedorismo tecnológico, que, segundo Ndonzuau *et al.* (2002), é o produto da interação entre universidade e empresas, tendo como resultado final a transformação da pesquisa em algo passível de ser transacionado no mercado, está intimamente ligado com a inovação. Schumpeter (1949) afirma que o empreendedor é aquele que introduz novos produtos e serviços rompendo com a ordem econômica já existente, criando assim novas formas de organização. O autor ressalta a indissociabilidade entre a atividade empreendedora e a inovação.

Em uma definição mais recente, Dornellas (2017, p. 29) afirma que o termo empreendedorismo pode ser definido como “o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. A perfeita implementação dessas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso”.

Bittar, Serio e Vasconcellos (2018) destacam a importância da inovação para o empreendedor nos dias atuais. Seu estudo mostra que os empreendedores muitas das vezes acabam praticando a inovação de maneira informal, ou seja, fazem melhorias em seus processos, produtos e serviços, porém sem um planejamento formal e sem manter um processo de inovação contínuo.

De acordo com Dornellas (2001), o apoio ao empreendedorismo no Brasil teve o seu principal impulso ao longo da década de 1990, com o movimento de incubadoras de empresas, grande parte delas

vinculadas a Universidades e centros de pesquisa e a atuação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Neste contexto de impulsionar a incubação de negócios, torna-se importante o investimento em programas que visam o apoio a pesquisadores e empreendedores nas universidades e centros de pesquisa, como forma de disseminar a cultura do empreendedorismo inovador, apoiando-os no planejamento e abertura de *spin-offs* acadêmicos¹ (FROSSARD *et al.*, 2016).

A expressão “educação empreendedora” apresenta uma série de definições na literatura. Para Hynes e Richardson (2007), educação empreendedora não se refere apenas a educar as pessoas para abrirem seus negócios, mas têm também a função de desenvolver nos alunos diferentes habilidades para que eles possam atuar no ambiente de trabalho de forma empreendedora, inovadora e flexível. Para tanto, o aprendizado nos programas de empreendedorismo deve ser baseado em situações reais, para que se possa melhor implantar o que foi aprendido (HENRY; HILL; LEITCH, 2005).

Lavieri (2010) pontua que não se deve conceber o empreendedor como um tipo especial de ser humano, cujas habilidades e competências possam ser traduzidas em um perfil único. Na verdade, deve-se trabalhar em termos de “grau de empreendedorismo do indivíduo”, enquanto parâmetro de atitude empreendedora. De acordo com o autor, as propostas para o ensino do empreendedorismo se dividem entre aquelas cujo foco é a criação de uma empresa, e outras que se dedicam à formação de uma pessoa com perfil empreendedor.

Cope (2005) define a aprendizagem empreendedora como “um processo dinâmico de conscientização, reflexão, associação e aplicação” (p. 387). Para o autor, a questão principal é que a utilização do aprendizado empreendedor pode ocorrer muito tempo depois da experiência em si. Para Politis (2005), a aprendizagem empreendedora é um processo experiencial, no qual a experiência pessoal é transformada em conhecimento que, por sua vez, serve como guia para a escolha de novas experiências.

A aprendizagem empreendedora consiste em um processo social contínuo de aprendizagem individual em que as pessoas aprendem com suas próprias experiências e com as dos outros, desenvolvendo as próprias teorias, as quais são aplicadas, adaptadas e aprendidas por outros, em virtude do sucesso que proporcionam (RAE; CARSWELL, 2000)

Scott e Twomey (1988) realizaram um estudo com universitários dos Estados Unidos, Inglaterra e Irlanda sobre suas atitudes em relação à carreira. O estudo demonstrou que estudantes que possuíam pais empreendedores apresentavam maior preferência para abrir seu próprio negócio e menor preferência em trabalhar para grandes empresas. Nesses casos, os pais empreendedores tinham uma dupla influência: além de servirem de modelos para seus filhos, eram vistos também como provedores de recursos.

¹ É definida como uma empresa criada para explorar uma propriedade intelectual gerada a partir de um trabalho de pesquisa desenvolvido em uma instituição acadêmica (Shane, 2014 *apud* Frossard *et al.*, 2016).

Os fatores mencionados nesses dois estudos relacionados à decisão de empreender estão presentes no modelo de processo empreendedor desenvolvido por Bygrave (2004). Em seu modelo, Bygrave (2004) explica a criação de uma empresa por meio de fatores pessoais, sociológicos e ambientais. O modelo começa com a ideia do negócio, seguido por um evento que irá impulsionar seu início, a implantação e o crescimento.

Para Bygrave (2004), quando uma pessoa possui uma ideia para abrir um negócio, fatores como perspectivas alternativas de carreira, família, amigos, empreendedor-modelo, situação da economia e disponibilidade de recursos são decisivos para definir se ela realmente buscará transformar essa ideia em um negócio. Quase sempre há um fato que irá originar o nascimento da empresa: o empreendedor pode não vislumbrar melhores perspectivas de carreira, ter perdido uma promoção ou ter sido despedido, por exemplo. No entanto, para algumas pessoas, o empreendedorismo é uma escolha de carreira deliberada.

Os estudos de Alves *et al* (2018) buscam analisar como a crise econômica influencia empresários em seus negócios e quais são as alternativas que eles encontram para sair da crise. Suas conclusões mostram que para os empresários estudados, a crise causa influência negativamente a rentabilidade dos negócios, porém faz com que se busque aprimoramento e criatividade dentro da empresa. Assim os autores afirmam que o empreendedorismo evolui de acordo com as necessidades econômicas, buscando constantemente a inovação e a criatividade.

Quanto aos fatores que influenciam a decisão de empreender, Bygrave (2004) afirma que os traços empreendedores são moldados pelos atributos da personalidade e pelo ambiente. Ao citar o ambiente, o autor menciona que os empreendedores-modelo também são importantes, porque conhecer alguém que teve sucesso empreendendo faz com que seja muito mais real e concreta a possibilidade de se tornar um empreendedor. O autor relata também que a maioria das pessoas que deseja seguir a carreira empreendedora entra em contato com esses empreendedores-modelo primeiramente em casa ou no trabalho.

No que diz respeito aos fatores sociológicos que influenciam os empreendedores, Bygrave (2004) cita, além dos empreendedores-modelo, as responsabilidades com a família como tendo um papel importante na decisão de começar um negócio, bem como a rede de relacionamentos, fundamental para o empreendedor.

Relação universidade x empreendedorismo e a aprendizagem nas incubadoras de empresas

As universidades no período de sua criação tiveram o seu foco no ensino como principal atividade. Posteriormente, durante a primeira revolução das universidades, foi introduzida a pesquisa e em seguida, a contribuição social por meio da extensão (ETZKOWITZ; LEYDESDORF, 2000). Com o passar dos anos, as instituições passam por uma segunda revolução, buscando apoiar o

desenvolvimento econômico e social, no qual o maior interesse não é apenas formar mão-de-obra especializada, mas sim, o de contribuir para o fomento ao empreendedorismo (PLONSKI, 1999).

Para Etzkowitz (2004) e Etzkowitz e Klofsten (2005), a *Triple Helix* (tripla hélice) que surge da interação Universidade-Empresa-Governo foi o principal evento para a criação da universidade empreendedora e da “capitalização do conhecimento” nas universidades.

Assim, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento econômico e social a partir da atuação integrada destas instituições, surge o conceito de universidade empreendedora. Para Clark (2003) estas instituições implementam mudanças na sua estrutura e na forma de reagir às demandas internas e externas. Estas estruturas, têm o objetivo de transformar as pesquisas desenvolvidas no âmbito de seus laboratórios, em produtos e incentivar a criação de empresas nascentes de base tecnológica, denominadas *spin-off* acadêmicas.

De acordo com Ndonzuau, Pirnay e Surlemont (2002), a criação de *spin-off* no ambiente acadêmico segue três etapas: (i) geração de ideias a partir dos resultados obtidos nas pesquisas acadêmicas; (ii) desenvolvimento do plano de negócios (teste da viabilidade); (iii) lançamento da empresa (*spin-off*) e fortalecimento do negócio.

Bygrave (2004) menciona que não só as incubadoras, mas também instituições de apoio e universidades podem ajudar os empreendedores a formular seu plano de negócio e fornecer o necessário para que ele possa empreender.

Dentre os ambientes utilizados para o ensino do empreendedorismo está a incubadora de empresas. Para Vedovello e Figueiredo (2005), as incubadoras fornecem às empresas incubadas instalações físicas adequadas e de qualidade, além de serviços de apoio compartilhados entre as empresas e aconselhamento sobre o funcionamento do mercado, tecnologias e viabilidade de apoio financeiro. Seu objetivo é explorar e potencializar os recursos existentes e incentivar a sinergia entre os pares. Buscam também criar um ambiente favorável ao surgimento e fortalecimento de novos negócios, fazendo com que as empresas incubadas se transformem em empresas graduadas e bem-sucedidas.

Lavieri (2010) indica que a aprendizagem empreendedora acontece também fora da sala de aula, por vezes de maneira mais rica para os alunos, e que nem sempre é valorizada pelos professores. De acordo com o autor,

[...] as incubadoras, nas quais as empresas nascentes compartilham uma estrutura de serviços com menos custos, costumam trabalhar com empresas de base tecnológica. Felizmente elas têm contato com as universidades, mas, de modo geral, apenas devido às áreas de pesquisa. Poucos são os professores que utilizam como recurso didático a ida até uma incubadora para conhecer a prática da inovação e as dificuldades de empreendedores novatos. (LAVIERI, 2000, p.14)

Já Kirby (2004) refere-se às incubadoras como laboratórios de aprendizagem do empreendedorismo, por meio das quais o aluno pode testar os conceitos aprendidos em aula em situações novas, adquirindo assim experiência concreta.

Objeto de estudo: a Universidade Federal de Juiz de Fora e o Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia – CRITT

A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) é uma universidade pública, que conta com dois campi, um localizado em Juiz de Fora e outro campus avançado em Governador Valadares. A instituição oferece 93 cursos de graduação, 36 de mestrado e 17 de doutorado, em todas as áreas de conhecimento. Atualmente a UFJF tem, aproximadamente, 20 mil alunos matriculados (UFJF, 2016).

A Universidade trabalha o empreendedorismo de forma isolada através de disciplinas de graduação, das empresas juniores e do núcleo de empreendedorismo da faculdade de engenharia (Nemp). E, mais especificamente, por meio das ações do Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia – CRITT.

O CRITT foi criado em 1995, pela Resolução 16/1995 e qualificado como Núcleo de Inovação tecnológica – NIT da UFJF pela Resolução 31/2005 do Conselho Superior da Universidade. De acordo com a Resolução 31/2005 compete ao CRITT: gerenciar as atividades de incubação de empresas dentro da UFJF e a política de inovação, tendo como responsabilidade a manutenção da política institucional de estímulo à proteção de criações, licenciamento, inovação e outras formas de transferência de tecnologia. Atualmente, o CRITT está vinculado à Diretoria de Inovação da UFJF.

Para atingir tais objetivos, conta com três setores finalísticos: Incubadora de Base Tecnológica, Treinamento e Transferência de Tecnologia e com setores de apoio: Administrativo Financeiro, Comunicação e Marketing, Recursos Humanos, Tecnologia da Informação, Proteção ao Conhecimento e Qualidade.

A Incubadora de Base Tecnológica – IBT é um setor finalístico (de negócios) do CRITT e está estruturada com dois processos chave para atender a potenciais empreendedores e empresários incubados e graduados, a saber: IBT Empreendedor (pré-incubação) e IBT Empresas.

O processo chave IBT Empresas atua fornecendo apoio para empresários que desejam iniciar uma empresa e desenvolver produtos ou processos que apresentem grau de tecnologia e inovação. O IBT Empresas oferece as empresas incubadas: espaço físico, ambientes de uso compartilhado (sala de reuniões, auditório com multimídia, laboratório de informática, laboratórios técnicos, internet, biblioteca e refeitório).

Para o desenvolvimento empresarial as empresas incubadas recebem apoio no desenvolvimento e acompanhamento do plano de negócios, planejamento estratégico e plano de ação, assim como no processo de contínuo aprendizado, através de reuniões periódicas de acompanhamento entre a incubadora e a empresa; capacitações e consultorias; acompanhamento e divulgação de editais de fomento para captação de recursos; monitoramento, com base nos critérios do Modelo de Excelência em Gestão da FNQ – Fundação Nacional da Qualidade, visando acompanhar seu desenvolvimento.

Atualmente, a Incubadora oferece suporte a 9 empresas incubadas, nas áreas de tecnologia da informação, eletroeletrônica, comunicação e saúde. Neste período a incubadora graduou 25 empresas que atuam no mercado de Juiz de Fora e Região.

Metodologia

Este trabalho pode ser classificado como uma pesquisa qualitativa, segundo Creswell (2010, p. 210) “a investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação de dados”. O mesmo autor ainda acrescenta que “os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de textos e imagem”. Também se trata de uma pesquisa descritiva, que busca descrever fatos e fenômenos de uma determinada realidade” (UFRGS, 2009, p. 35).

O procedimento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. De acordo com, Vergara (2009, p.3) “pode-se dizer que a entrevista é uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. A autora afirma que adequadamente planejada e estruturada, essa técnica de entrevista tende a levar o pesquisador a conclusões adequadas, que no caso dessa pesquisa busca-se analisar se determinados indivíduos possuem conhecimento empreendedor.

Especificamente sobre as entrevistas semiestruturadas, Vergara (2009, p. 9) diz que:

[...] como o roteiro de estrutura fechada, é focalizado. Porém, ao contrário da estrutura fechada, permite inclusões, exclusões, mudanças em geral nas perguntas, explicações ao entrevistado quanto a alguma pergunta ou alguma palavra, o que lhe dá um caráter de abertura.

Para análise dos dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, foi adotado o método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1991, p. 43) “a análise do conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis”. A autora ainda acrescenta que “a análise do conteúdo toma em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas” (BARDIN, 1991, p. 43). Para essa análise foram selecionadas categorias de acordo com a fundamentação teórica do trabalho, conforme apresentado no Quadro 01, buscando comparar o que foi afirmado pelos autores no referencial e o que foi observado na pesquisa de campo com os estudantes entrevistados.

Na elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada, utilizou-se como base o trabalho de Fiala e Andreassi (2013) sobre uma pesquisa feita com incubadora catarinense relacionada com aprendizagem empreendedora. Para auxílio no processo de entrevista, utilizou-se Lakatos (2010, p.182), que apresenta alguns cuidados que devem ser tomados com as entrevistas:

Planejamento da entrevista: deve ter em vista o objetivo a ser alcançado. Conhecimento prévio do entrevistado: objetiva conhecer o grau de familiaridade dele com o assunto. Oportunidade de entrevista: marca com antecedência a hora e o local, para assegurar-se de que será recebido. Condições favoráveis: garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade. Contato com líderes: espera-se obter maior entrosamento com o entrevistado e maior variabilidade de informações. Conhecimento prévio do campo: evita desencontros e

perda de tempo. Preparação específica: organizar roteiro ou formulário com as questões importantes

Além disso, durante a aplicação da entrevista, foram observadas algumas recomendações da literatura especializada, tal como explicar a finalidade da pesquisa antes de começar as entrevistas, fazer perguntas devagar e uma de cada vez para não confundir o entrevistado, registrar as respostas tanto com anotações quanto de forma gravada (com autorização dos entrevistados), e sempre terminar a entrevista de forma agradável e agradecendo ao entrevistado pela sua colaboração (LAKATOS, 2010).

Os sujeitos a serem entrevistados foram selecionados por meio de conveniência, de acordo com sua disponibilidade em participar da pesquisa. Foi possível alcançar um total de 5 bolsistas, que eram estudantes de diferentes cursos da universidade. Para manter a identidade dos entrevistados em sigilo, estes serão tratados no decorrer do trabalho com as siglas E1, E2, E3, E4 e E5.

Análise dos resultados

Dos 5 entrevistados, 3 deles nunca tiveram uma experiência empreendedora, tanto antes quanto após ingressar suas atividades na incubadora, somente E4 disse ter criado uma marca de camisetas com os amigos há alguns anos, porém acabou não dando certo por problemas entre os sócios; e também E5, que disse ter começado a vender trufas e doces recentemente, e alegou que mesmo sendo um pequeno negócio, já está se deparando com algumas dificuldades iniciais no negócio, tais como logística, encomendas, quantidades a produzir, dentre outras.

As experiências empreendedoras dos dois entrevistados, foram consideradas por eles muito simples, porém pode-se dizer que essas iniciativas já foram grandes avanços em comparação ao contexto em que vivem, inclusive em relação aos demais entrevistados.

No ponto em que os entrevistados foram perguntados sobre o papel da faculdade na formação empreendedora, as respostas foram um pouco diversas, porém destaca-se quando E1 afirmou que a faculdade influencia de forma negativa o empreendedorismo, ou seja, explicando mais sobre isso o entrevistado disse que com a grade da graduação muito rígida e os conteúdos ensinados muito fechados, torna-se difícil algum estímulo para pensar em inovações.

Nesse ponto ainda, pode-se dizer que, de forma contraditória, E2 afirmou que a faculdade influencia os alunos a empreender e ainda “abre os olhos dos alunos para formas inovadoras”.

Alguns entrevistados afirmaram já terem tido experiências em Empresas Juniores, e disseram que foi possível aprender muito nesse período, porém o foco das empresas juniores segundo esses entrevistados está mais voltado para o cliente do que para o empreendedorismo. Isso foi dito inclusive pelo E5 como um dos motivos de ter procurado a incubadora, pois este queria ter novas experiências e percebeu que o foco da incubadora era diferente da Empresa Júnior.

Em relação ao ponto de vista sobre a divulgação da incubadora, verificou-se que todos os entrevistados afirmaram ser uma divulgação ruim e que deveria ser muito melhorada, para tentar atingir o máximo de pessoas possível.

Ainda em relação à divulgação da incubadora, alguns apontaram como sugestão que os representantes da incubadora fizessem apresentações na semana do calouro, juntos às empresas juniores e até mesmo nos corredores das faculdades, para que dessa forma mais pessoas ficassem sabendo.

De forma a retomar às teorias estudadas nesse trabalho e fazer uma comparação com as informações coletadas empiricamente com as entrevistas, conforme proposto pela metodologia deste trabalho, apresenta-se a seguir o Quadro 01, onde estão apontadas as categorias de análise extraídas do referencial teórico, bem como definições sobre esses temas pelos próprios autores; e juntamente são apresentadas as informações relatadas pelos estudantes entrevistados.

Quadro 01 – Comparação Teoria x Prática

TEMA	LITERATURA	ENTREVISTAS
Definição de Empreendedor	Indivíduos com características especiais, visionários, que sabem tomar decisões, fazem a diferença, correm riscos calculados, criam valor para a sociedade (HISRISH, 1986). Pessoas que sabem tomar decisões, fazem a diferença, exploram as oportunidades, apaixonados pelo que fazem, líderes e formadores de equipes (DORNELLAS, 2015)	Foram citadas pelos entrevistados, as seguintes palavras: ideia; correr menos risco; melhorias para a sociedade; inovação; facilitar processos e projetos; novos produtos; pessoas com garra; enfrentar desafios; vontade de fazer diferente; sair fora do padrão, de um conceito, do que todos fazem.
A influência dos Pais	Nesses casos, os pais empreendedores tinham uma dupla influência: além de servirem de modelos para seus filhos, eram vistos também como provedores de recursos (SCOTT e TWOMEY, 1988).	Observou-se nas entrevistas que alguns dos entrevistados tinham pais que já foram ou ainda atuavam como empreendedores, mesmo que de forma simples, como classificado pelos próprios entrevistados. Alguns inclusive afirmaram se espelhar em familiares próximos como empreendedores.
A Existência de uma Fonte Inspiradora para o Empreendedorismo	Os empreendedores-modelo também são importantes, porque conhecer alguém que teve sucesso empreendendo faz com que seja muito mais real e concreta a possibilidade de se tornar um empreendedor (BYGRAVE, 2004).	Praticamente todos os entrevistados foram capazes de citar o nome de pelo menos um empreendedor que considera como fonte de inspiração. Os que não citaram algum nome, alegaram se inspirar em histórias de empreendedores famosos.
O Aprendizado na Prática	O aprendizado nos programas de empreendedorismo deve ser baseado em situações reais, para que se possa melhor implantar o que foi aprendido (HENRY; HILL; LEITCH, 2005).	Todos os entrevistados consideram que a maior diferença entre o aprendizado na sala de aula e o que aprendem na incubadora, é a questão prática, ou seja, afirmam que na incubadora é possível aprender na prática. Alguns afirmaram que a incubadora e a sala de aula são complementares, e não diferentes.
Como a Incubadora pode propiciar o Aprendizado do Empreendedorismo na Prática	A aprendizagem empreendedora é um processo experiencial, no qual a experiência pessoal é transformada em conhecimento	Neste ponto, os entrevistados afirmaram que o aprendizado do empreendedorismo na incubadora não é diretamente direcionado aos

	que, por sua vez, serve como guia para a escolha de novas experiências (POLITIS, 2005).	estudantes, porém estes podem ter contato com as ações de monitoramento e avaliação aplicados pela incubadora junto às empresas incubadas, e nesse processo participam do aprendizado empreendedor.
A Divulgação da Incubadora	Poucos são os professores que utilizam como recurso didático a ida até uma incubadora para conhecer a prática da inovação e as dificuldades de empreendedores novatos (LAVIERI, 2000).	Todos os entrevistados afirmaram que a divulgação da incubadora é muito ruim, e alguns deles disseram que se não fosse o edital para vaga de estágio na incubadora, nunca teriam a conhecido. Nesse ponto, todos apontaram sugestões de melhoria para a divulgação da incubadora, e afirmaram ser muito importante levar esse conhecimento sobre a incubadora a todos os estudantes.

Fonte: elaborado pelos autores

Analisando o quadro acima, pode-se elencar alguns pontos de interface entre o referencial teórico e os achados empíricos. A questão da definição de Empreendedor foi corroborada e expandida por características obtidas nas entrevistas. Na questão da influência dos pais e familiares mais próximos, não se pôde identificar o papel destes como provedores de recursos. Verificou-se aderência à hipótese de Bygrave (2004) de que empreendedores-modelo exercem influência positiva sobre a atitude empreendedora dos entrevistados.

Resultados convergentes foram encontrados com relação ao caráter eminentemente prático da aprendizagem empreendedora, com um acréscimo de que a sala-de-aula e a prática podem ser complementares. Ainda que indiretamente, devido à natureza não-pedagógica das incubadoras de empresas, o graduando tem a possibilidade de enriquecer e tornar mais tangível seu aprendizado. Por fim, uma barreira que aparece tanto na literatura (Lavieri, 2004) quanto nos depoimentos coletados é a deficiência na divulgação da incubadora dentro da própria Universidade.

Por fim, notou-se um ponto importante a ser relatado nesse trabalho, que foi o fato de não ter nenhum estagiário no setor da incubadora onde as entrevistas foram aplicadas, que seja do curso de graduação em administração. Dentre os entrevistados foram encontrados estudantes de Ciências Econômicas e Engenharia de Produção. Este fato tornou-se mais curioso quando o E3 mencionou durante a entrevista que considera que os estudantes de engenharia têm mais conhecimento sobre a incubadora da universidade do que os estudantes de economia e administração.

Considerações finais

De uma forma geral, os resultados da análise de conteúdo das entrevistas aplicadas aos bolsistas da Incubadora de Base Tecnológica do CRITT/UFJF corroboraram os postulados teóricos dos autores elencados na revisão da literatura.

Retornando-se ao objetivo central desse trabalho, que foi identificar se os alunos de graduação que exercem atividade remunerada como bolsistas em uma incubadora de base tecnológica localizada em uma universidade federal brasileira adquiriram conhecimento empreendedor em atividades desenvolvidas na incubadora; pode-se reafirmar a importância das incubadoras de empresas como ambientes não somente de apoio a empreendimentos inovadores, mas também como espaços nos quais a aprendizagem empreendedora acontece de uma forma efetiva.

A universidade tem como um de seus principais papéis o fomento ao empreendedorismo enquanto busca pelo desenvolvimento econômico e social, como forma de levar o conhecimento produzido em seus laboratórios para a sociedade por meio da criação de empresas *spin-offs*. A incubadora de empresas, dentre outras iniciativas, configura-se como uma organização fundamental para o cumprimento desse papel da universidade. Torna-se necessário para o conhecimento da comunidade acadêmica e da comunidade externa todo o esforço que se empreende ao criar e dinamizar as incubadoras de negócios, visto que o resultado deste trabalho gera importantes resultados para a sociedade como um todo.

Outro ponto importante que pode ser extraído das entrevistas realizadas para este trabalho, é o distanciamento entre o que é ensinado na sala de aula e a realidade das empresas. Em tese, em que pese o crescimento das empresas juniores e incubadoras de empresas nas universidades, estas ainda são iniciativas que abrangem uma parcela reduzida dos alunos de uma instituição de ensino superior. Há de se formular novas diretrizes para tornar o aprendizado mais próximo da prática, e, com efeito, mais propício ao fomento do empreendedorismo.

Como limitações do estudo, pode-se citar que um dos autores do estudo é funcionário da universidade, lotado na incubadora, o que poderia vir a causar algum tipo de enviesamento devido à sua proximidade com o objeto de estudo. Porém acrescenta-se que foram tomadas todas as precauções para que as possibilidades de enviesamento fossem minimizadas.

Sugerem-se, como possibilidades de estudos futuros, a realização de investigações longitudinais, ou seja, o acompanhamento ao longo do tempo da evolução da atitude empreendedora dos bolsistas; estudos comparativos entre alunos de instituições públicas e particulares que trabalham em incubadoras; e pesquisas focadas na convergência do ensino do empreendedorismo em sala de aula e nas incubadoras.

Referências

- ALVES, Osnei F. Empreendedorismo em épocas de crise: um estudo de caso em Curitiba e Região Metropolitana. **Brazilian Journal of Development**, v.4, n.1, p.69-80, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.
- BITTAR, Alexandre de V.; SERIO, Luiz Carlos Di; VASCONCELLOS, Marcos Augusto de. Micro e Pequenas Empresas Inovadoras: evidências em empresas paulistanas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.7, n.3, p.85-109, Set/Dez. 2018.

- CANTILLON, R. **Essai sur la nature du commerce em general**. London, Fetcher Gyler, 1975. [Also edited in English version, with other material, by Henry Higgs, C. B., London, MacMillan, 1931.]
- CHENG, L. C.; MENEZES, B. A busca pelos elos perdidos da cadeia de inovação: uma experiência de implementação de um centro de empreendedorismo tecnológico e de suas atividades. **ENEGETP**, 2006. Disponível em: <<http://www.inf.furb.br/~dalfovo/EdmilsonLima/CHENGetAL-enegetp2005-elos-perdidos.pdf>>. Acesso em: 22 de junho de 2106.
- CLARK, B. **Creating Entrepreneurial Universities**. Oxford: IAU Press-Elsevier, 2003.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DOLABELA, F. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura e Editores Associados, 1999.
- DORNELLAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- DORNELLAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. São Paulo: Empreende/Atlas, 2017.
- ETZKOWITZ, H. The evolution of the entrepreneurial university. **Int J. Technological and Globalization**, vol.1, no. 1, 2004, p.64-77.
- ETZKOWITZ, H; KLOFSTEN, M. **The innovation region: toward a theory of knowledge – based regional development**. R&D Management 35, MA, USA: Blackwell Publishing Ltd, 2005.
- FERREIRA, Manuel P. V.; PINTO, Cláudia F.; MIRANDA, Rui M. Três Décadas de Pesquisa em Empreendedorismo: uma revisão dos principais periódicos internacionais de empreendedorismo. **REAd**, v.81, n. 2, p. 406-436, Mai/Ago, 2015.
- FIALA, N.; ANDREASSI, T. As incubadoras como ambiente de aprendizagem do empreendedorismo. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 14, nº 4, p. 759-783, 2013.
- FILLION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários - gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v.34, n.2, p. 02-28, 1999.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, Abril/Junho 1999.
- FROSSARD, L. M. *et al.* IBT Empreendedor: Disseminando a Cultura do Empreendedorismo e Inovação na Universidade Federal de Juiz de Fora–UFJF. **26ª Conferência Anprotec**. 2016.
- GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- HISRICH, P (org.). **Entrepreneurship, intrapreneurship, and venture capital: the foundations of economic renaissance**. Lexington: Lexington Books, 1986.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010
- LAVIERI, C. Educação empreendedora? In: LOPES, R. M. **Educação Empreendedora**. Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2010, cap. 1, p. 1-16.
- MARGINSON, S; CONSIDINE, M. **The enterprise university: power, governance and reinvention in Australia**. Cambridge University Press, 272p, 2004.
- NDONZUAU, F. N. Pirnay, F. Surlemont, B. A Stage Model of Academic Spinoff. **Creation. Technovation**, v. 22, p.281-289, 2002.
- PLONSKI, G. A. Cooperação Universidade-Empresa: Um Desafio Gerencial Complexo. **Revista de Administração**, São Paulo, v.34, n.4, p. 5 - 12, Outubro/Dezembro 1999.
- RAE, D.; CARSWELL, M. Using a life-story approach in researching entrepreneurial learning: The development of a conceptual model and its implications in the design of learning experiences. **Education & Training**, v. 42, n. 4/5, p. 220-227, 2000.

REYNOLDS, Paul D. Sociology and entrepreneurship: Concepts and contributions. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 16, n. 2, p. 47-70, 1991.

SAY, J. B. **Traité d'économie politique: ou, simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent et se consomment les richesses** (1803). Translation: Treatise on political economy: on the production, distribution and consumption of wealth. New York, Kelley, 1964.

SCHUMPETER, J. A. **History of economic analysis**. New York: Oxford University Press, 1964.

_____, J. A. **The theory of economic development**. Harvard University Press, 1949.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009

VERSTRAETE, T. **Entrepreneuriat: connaître l'entrepreneur, comprendre ses actes**. Editions L'Harmattan, 1999.

ZAMPIER, M. Aparecida; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Cadernos Ebape. BR**, p. 564-585, 2011.